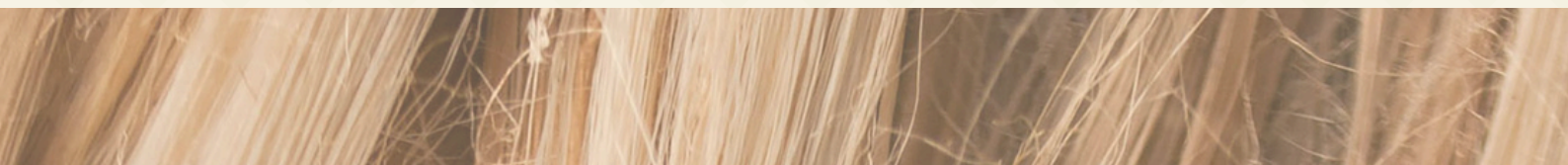


RECOMENDAÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO DO CÂNHAMO TÊXTIL NO BRASIL

Em março de 2025, o Instituto Fashion Revolution Brasil e a Fibershed Brasil realizaram o seminário Cânhamo Têxtil: construindo o uso da fibra no contexto brasileiro, **um evento inédito que reuniu pesquisadores, produtores e representantes da indústria para debater o potencial dessa fibra como vetor de desenvolvimento econômico e responsabilidade** socioambiental no país. O encontro contou com a presença de especialistas internacionais como Git Skoglund (online) e Remi Loren, da Suécia, e o pesquisador brasileiro Sérgio Rocha, promovendo uma imersão técnica e científica sobre as etapas que conduzem a planta até sua transformação em tecido.

Enquanto o mercado global do cânhamo movimentava bilhões de dólares e consolida cadeias produtivas em diversos países, **o Brasil ainda enfrenta um marco legal desatualizado que limita o cultivo para fins industriais e restringe o acesso a pesquisas aplicadas.** O seminário surgiu para preencher essa lacuna, aproximando a produção científica internacional das especificidades territoriais, climáticas e sociais do contexto brasileiro, reconhecendo que soluções importadas prontas raramente respondem às nossas realidades.

As recomendações a seguir são fruto das trocas e aprendizados gerados ao longo do evento. Elas não pretendem oferecer um modelo acabado, mas sim orientar os próximos passos de quem deseja construir uma cadeia de cânhamo têxtil no Brasil de forma responsável, territorializada e comprometida com a transformação sistêmica da indústria da moda. **Trata-se de um convite à experimentação consciente, e ao reconhecimento de que esta é uma construção coletiva e de longo prazo.**



1. DEFINIR A APLICAÇÃO FINAL COMO PONTO DE PARTIDA

A cadeia do cânhamo deve ser orientada pelo uso final da fibra (vestuário, têxteis técnicos, papel ou construção). Essa definição condiciona todas as etapas subsequentes, da escolha varietal ao processamento. Em fibras vegetais, toda decisão no campo irá impactar diretamente o produto final.

2. RECONHECER QUE TUDO COMEÇA NO CULTIVO

A qualidade da fibra é determinada, em grande medida, pela variedade escolhida e pelas condições de cultivo. Diferentes genéticas produzem fibras com propriedades distintas, e sua performance varia conforme clima e solo. Isso exige experimentação regional contínua e rejeita a ideia de soluções importadas prontas.

3. TRATAR A MACERAÇÃO COMO ETAPA CENTRAL

A maceração (retting) é um dos pontos mais críticos da cadeia, determinante para a qualidade final das fibras. Trata-se de um processo altamente dependente de condições ambientais, que não pode ser padronizado sem adaptação local. Falhas nessa etapa podem inviabilizar o uso têxtil da fibra, exigindo redirecionamento para outras aplicações. Isso implica assumir o erro como parte do processo e prever usos alternativos desde o início.

4. DESENVOLVER SISTEMAS ADAPTADOS AO CONTEXTO LOCAL

Não há um modelo único para o cânhamo. A construção dessa cadeia deve considerar as especificidades territoriais (clima, infraestrutura, conhecimento técnico e organização social). A simples replicação de modelos industriais estrangeiros tende a reproduzir ineficiências e impactos já conhecidos.

5. ADOPTAR UMA ABORDAGEM INTEGRAL DA PLANTA

A viabilidade do cânhamo depende do uso de todas as suas frações. Além das fibras liberianas, os hurds representam uma parte significativa da biomassa e devem ser incorporados em cadeias paralelas (como construção e biomateriais). O aproveitamento de outras partes da planta reduz desperdícios e cria múltiplas fontes de valor.

6. ESTRUTURAR RASTREABILIDADE COMO PRINCÍPIO

A rastreabilidade ao longo de toda a cadeia — do cultivo ao produto final — deve ser tratada como um requisito mínimo. Em um setor historicamente marcado por obscuridades, garantir transparência é uma condição para a construção de cadeias mais justas e responsáveis.

7. FOMENTAR COLABORAÇÃO INTERSETORIAL

O Brasil não possui histórico consolidado na produção de cânhamo têxtil. Nesse contexto, a colaboração com cadeias já existentes (como algodão, juta e malva) é estratégica, especialmente em etapas como fiação. O desenvolvimento dessa cadeia não será linear nem isolado, mas dependente de articulações entre diferentes setores e saberes.

8. CONTROLAR O MOMENTO DA COLHEITA

A colheita antes da floração é determinante para a obtenção de fibras mais finas e adequadas ao uso têxtil, especialmente no vestuário. Esse manejo impacta diretamente a qualidade da fibra e deve ser considerado como uma decisão técnica central, não apenas operacional.

9. INVESTIR EM MELHORAMENTO GENÉTICO DE LONGO PRAZO

O desenvolvimento de variedades adaptadas ao contexto brasileiro, especialmente voltadas para a produção de fibras de maior qualidade, é um processo de longo prazo, o que exige investimento contínuo e planejamento.

10. TRABALHAR COM BLENDS COMO ESTRATÉGIA DE INSERÇÃO

A mistura do cânhamo com outras fibras pode facilitar processos industriais, especialmente a fiação, além de melhorar o desempenho dos fios. Blends também representam uma estratégia de transição, permitindo a inserção do cânhamo em cadeias já existentes.

11. RECONHECER A COMPLEXIDADE DO CULTIVO E DO PROCESSAMENTO

O cânhamo não deve ser tratado como uma cultura simples ou de fácil implementação. Seu cultivo e beneficiamento exigem conhecimento técnico específico, além de pesquisa contínua. A ideia de uma solução rápida ou universal ignora a complexidade envolvida.

12. INTEGRAR AS ETAPAS DA CADEIA DESDE O INÍCIO

Fiação e tecelagem não devem ser tratadas como etapas posteriores, mas como partes integradas do desenvolvimento da fibra. Perdas, ajustes e experimentações são inevitáveis, e devem ser incorporados como parte do processo. Trata-se de construir uma cadeia em aprendizado constante.

13. DESENVOLVER O MERCADO EM PARALELO À PRODUÇÃO

A produção de fibra deve estar alinhada à existência de demanda. Estruturar mercados, garantir compradores e construir aplicações concretas é essencial para a viabilidade da cadeia. Produzir sem destino definido tende a gerar acúmulo de material e inviabilidade econômica.

14. EVITAR A SIMPLES INSERÇÃO DO CÂNHAMO NO MODELO ATUAL DA INDÚSTRIA TÊXTIL

Finalmente, talvez a recomendação mais estrutural seja também a mais ampla: o cânhamo não deve ser incorporado automaticamente ao modelo vigente da indústria da moda, marcado por centralização, escala excessiva e impactos socioambientais significativos. Sem mudanças nos sistemas de produção, novas fibras tendem a reproduzir velhos problemas.

***As recomendações foram escritas por
Eduarda Bastian - Diretora Executiva da Fibershed Brasil***

Apoio



Realização

